

Roma: poder, política e religião. O renascer do Império no século IV.

Cláudio Umpierre Carlanⁱ
claudiocarlan@yahoo.com.br

UNIFAL

Resumo: Esse texto procura esclarecer o conturbado período da Tetrarquia e as reformas administrativas que vão culminar com a ascensão de Constantino, considerado por muitos como herdeiro dessa política. Analisamos as questões políticas relativas ao mundo romano durante o período. Enfatiza-se nessa discussão, a importância do uso de uma variedade de fontes: iconográficas, arqueológicas e textuais. Usando como fonte iconográfica a coleção numismática do acervo do Museu Histórico Nacional / RJ, utilizamos a imagem como uma fonte de propaganda, legitimando o poder imperial.

Palavras-chave: moeda, império, imagens, poder, símbolo.

Introdução

Esse texto visa analisar as amoedaçõesⁱⁱ romanas do século IV. e sua relação com a sociedade do período. Tanto sobre o ponto de vista material como pagamento das tropas e abastecimento do Império, como também do caráter simbólico: as representações dos governantes e de sua política administrativa. Para isso, além das fontes numismáticas, analisaremos as evidências textuais e arqueológicas relativas a esse período. Por razões de espaço, trabalharemos apenas com algumas moedas cunhadas durante a tetrarquia (285-305)ⁱⁱⁱ, pois o total dessa peças ultrapassa a 300 exemplares.

A presença da moeda além de oferecer um bem estar econômico, mostra também os seus aspectos icônicos. Analisando os aversos e reversos monetários como imagens fabricadas, elas imitam aquilo a que se referem. Qualquer signo, mesmo o iconográfico gravado segundo processos físicos ou naturais é construído segundo regras determinadas que implicam convenções sociais. Ela circula de fato nos três níveis, sendo simultaneamente ícone, índice e símbolo convencional. Os povos que habitavam

o vasto império romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela diminuta peça de bronze, prata ou ouro era do seu governante.

A moeda tem sido estudada como simples troca financeira, uma mercadoria a mais no vasto mundo do comércio. O estudioso tem se preocupado mais com o corpo econômico e social que ela servia, do que pelo metal que produzia e informava^{iv}.

O homem contemporâneo dificilmente pode ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Ao possuidor romano de uma determinada espécie monetária estranha, esta falava-lhe pelo metal nobre ou não em que era cunhada, pelo tipo e pela legenda. O primeiro informava-o a riqueza de um reino e os outros dois elementos diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. É dentro deste último aspecto que pretendemos explorar a fonte numismática.

Cometemos o mais profundo anacronismo ao comparar uma sociedade capitalista, como a nossa, com padrões econômicos próprios, com uma sociedade de 1000 ou 2000 anos atrás. Numa sociedade onde não existiam meios de comunicações como os de agora, grande parte da população não dominava os idiomas eruditos^v, a imagem, a iconografia tinha um papel fundamental. Pois, segundo Corvisier^{vi}, definições modernas e simples voltadas apenas para o valor de compra não serve para a Antiguidade. Para isso precisamos saber a função da moeda no período para defini-la^{vii}.

É nesse contexto que o presente trabalho está incluído. Através de uma análise da iconografia, procuramos identificar cada símbolo existente nas imagens dos aversos e reversos monetários. Tais representações serviam como uma espécie de propaganda política, social, econômica, religiosa, com uma forte carga ideológica, que tinha como principal objetivo legitimar o poder dos governantes perante os súditos.

I – A Crise do Terceiro Século

Após a morte de Alexandre Severo (222-235), Roma cai num período de anarquia política que irá durar aproximadamente 50 anos. Os imperadores iam se sucedendo uns aos outros, sendo saudados pelas tropas ao amanhecer, para serem

assassinados ao entardecer. Com expediente para sair das dificuldades financeiras cunhavam-se moedas tão alteradas que o público se recusava a aceitá-las.

Durante boa parte do século III, principalmente durante o governo de Aureliano (270-275), há uma tentativa de restabelecer as finanças e o equilíbrio econômico. As oficinas de cunhagem, para facilitar a circulação das moedas, são multiplicadas, mas, pouco tempo depois, elas são fechadas, por ordem do próprio imperador. Explode uma nova onda de revoltas. Para regularizar a situação só é admitida a moeda emitida pelo Estado, suprimindo o direito do Senado de fiscalizar esta produção. A alta dos preços eleva-se a 1000 %. Uma sublevação explodiu em Roma no ano 273, onde os trabalhadores da Casa da Moeda, *monetarii*, apoiados pelas camadas inferiores da população, mataram cerca de 7.000 soldados das forças de repressão. O Império Romano se tinha reduzido territorialmente; achava-se empobrecido. Eram necessárias mudanças. As reformas políticas, econômicas que dariam novo ânimo ao corpo moribundo.

II – As Reformas da Tetrarquia

O processo de reforma inicia-se no governo de Galieno (253-268). Este começa a reorganizar o exército, escolhe para sua guarda pessoal a elite dos oficiais, juntamente com um grande grupo de cavalaria; na administração os senadores perdem o comando das legiões. A obra de restauração prossegue com seus sucessores, aqueles que conseguem se manter algum tempo no poder: Aureliano (270-275) e Probo (276-282). Estas reformas embrionárias preparam o caminho para as de Diocleciano (284-305).

Após o assassinato de Numeriano (283-284), *Caius Aurelius Valerius Diocles Diocletianus*, nascido perto de Salona (hoje Split ou Spalato, cidade e porto da Croácia) foi proclamado imperador pelos seus soldados. Apesar de possuir um nome ilustre, Valério, ele não descendia da aristocrática família romana do mesmo nome. Portanto não era um patrício. Seu pai era um liberto (ex-escravo) da Dalmácia (litoral da Croácia). Para evitar um fim igual a dos seus antecessores, tratou de apoiar-se em elementos de sua confiança, e do mesmo mundo social. Exemplo disto são os membros da futura *tetrarquia*, Galério (305-311), seu adjunto, guardara gado nos Cárpatos;

Maximiano (285/286-305), antigo colega de armas. Eles e seus sucessores escolheram auxiliares de passado idêntico.

No ano de 286, inicia-se uma série de reformas que, por algum tempo restauram a ordem. Inicialmente é instalada uma *diarquia* ao lado de Maximiano. Começam a surgir questões onde aparecem os excessos de arbitrariedade por parte de Diocleciano: a reformulação da *annona* (imposto sobre a produção agrícola anual); fortalecimento das classes dos *curiales*; e fixar os agricultores, colonos ou arrendatários sobre as terras que cultivassem, proibindo-lhes abandoná-las. Os trabalhadores urbanos deveriam permanecer em suas profissões, transmitindo-as a seus descendentes. Instituído assim, um sistema de classes, até então desconhecido em Roma, com o objetivo de manter imobilizada a estrutura econômica do Império.

O sistema de diarquia é ampliado para *tetrarquia*, com participações recíprocas de Galério e Constâncio Cloro como *Césares*. Ambos ligados por grau de parentesco, através do matrimônio com as filhas dos respectivos Augustos (Galério casa-se com Valéria, filha de Diocleciano, e Constâncio Cloro com Teodora, filha de Maximiano).

A função destes Césares não é apenas administrativa, mas também fortalecer o seu “Augustus”. Um deveria ajudar ao outro em caso de perigo imediato: o Augusto e o César Oriental viriam em socorro do colega ocidental. O voto de amizade entre eles foi representado no monumento aos tetrarcas em Veneza, onde os quatro aparecem abraçados.

Aliado a esses fatos, ocorre uma inversão do eixo político. Roma passou para um segundo plano após a oficialização das novas capitais: Aquileia e Tréveres, no ocidente, Sírmio e Nicomédia, no oriente.

Numa tentativa de restabelecer o poder da economia romana, Diocleciano realiza, ou pelo menos tenta fazê-lo, uma reforma econômico-administrativa. Além de emitir moedas de ouro e prata, coloca em circulação peças divisionárias de bronze, com tenuíssimo invólucro de prata, vulgarmente “banho de prata”, que serviam para as operações quotidianas, conhecidas como *follis*.

Esta moeda, de tamanho e peso inferior ao *dupondius*, instituída entre os anos de 295-8, segundo Ewald Junge^{viii}, apresenta em seu reverso, a imagem de Júpiter nu, com o *paragonium* e uma cornucópia simbolizando que a riqueza e abundância estavam de volta ao império. As peças cunhadas no oriente vêm acompanhadas de uma estrela em seu campo. Das 145 moedas de Diocleciano e 107 de Maximiano, pertencentes ao acervo do Museu Histórico Nacional, 15 peças ainda trazem esta característica,

principalmente a conservação do invólucro de prata. Dando um destaque artístico muito importante.

Em 301, os tetrarcas tentaram através de um édito, *Editum Diocletiani et Collegarum de pretiis rerum venalium*, ou Edito Máximo de Preços, restabelecer a economia do Império, fixando os preços máximos para os produtos de consumo. Conhecido na nossa sociedade “pós-moderna” como congelamento de preços e salários. Ainda muito em voga pela nossa tradicional classe política. Como hoje, não forneceu resultados favoráveis, estimulando o contrabando e a corrupção.

Também neste período as casas de cunhagem são ampliadas, a fim de satisfazer as obrigações da tetrarquia e as necessidades do comércio: obras públicas e aumento do efetivo militar e civil. Para isso, novas peças começam a circular com letras, na parte inferior do *reverso* da moeda, linha de terra também conhecida por *exergo*. Quando visível, podemos identificar o nome (espécie de sigla) do local da cunhagem. Como por exemplo: P∪T (Ticinum); ARLQ, PCON, PAR, SCON (Arles); AQ, AQP* (Aquiléia); MRH, SMHA (Heráclea); VRB.ROM, VRB.ROM.Q, R*T, R∩T, RT (Roma); ASI, ASSIS, BSISZ (Siscia), SMANAI, SMANB (Antioquia); ALE, ALEA, SMALE (Alexandria), SMKR, SMAKA, SMK∩ (Cízico) entre outras (CARLAN: 2000, 30).

Tais valores estão bem explícitos nas cunhagens do período. Nos *dupondii*, moeda de bronze de diâmetro superior a 2,5 mm, pesando mais de 8 g, identificamos no reverso a representação de Júpiter seminu com os ombros cobertos, nas peças de Diocleciano, ou Hércules com a pele do leão nas de Maximiano, entregando para o imperador o globo, encimado pela Vitória com uma coroa de louros pronto para coroá-lo. Como se as divindades protetoras de Roma estivessem abençoando os novos governantes. Tanto manto consular, cetro de marfim, *mappa*, *curul*, que representam o cônsul; quanto a couraça, a lança, o cavalo, o elmo - que representam o general - fazem parte das imagens dos reversos e anversos monetários^{ix}, fortalecendo assim a legitimação do poder imperial.

Teoricamente, o império continuava a ser uno, tratava-se de uma associação e de um sistema colegial, não de uma divisão territorial, embora cada Augusto, auxiliado ou não por um César, ou por outro Augusto menos prestigioso, fosse encarregado da administração e da defesa de uma parte. O próprio Diocleciano era considerado como um *Ivono*, filho de Júpiter, enquanto que o outro tetrarca, Maximiano, era um *Hercvleo*, ou filho de Hércules^x.

As cunhagens do período vêm exemplificando estas diferenças. Nas legendas das moedas de Diocleciano vêm inserido *IOVI AVGG OU IOVI CONSERVAT AVGG*, enquanto que nas de Maximiano *HERCULI PACIFER*. Apesar do sistema de tetrarquia ter sido criado para estabelecer uma igualdade, estas amoedações comprovam que existia uma hierarquização interna, pelo qual um governante possui um grau maior de importância que o seu “co-irmão”. Pois um novo Augusto só era admitido oficialmente no colégio depois da aprovação de seu ou dos seus colegas.

Durante o governo do *Hercvleo* Maximiano, irá ser cunhada uma moeda com um novo *signo*. Esta peça é chamada de votiva ou laudatória, pois no campo do reverso vem a seguinte inscrição: VOT XX, acompanhada da letra H (Heráclea) ou KK (Cartago). O seu significado seria *votamos por vinte anos*, justamente a duração da tetrarquia. Após a renúncia dos *augustos*, Maximiano irá utilizar um outro *signo* VOT XX MVLT XXX, que significa, *votamos por vinte anos, depois por mais trinta anos*. Na legenda, uma coroa de louros cerca o voto. Estes votos expressavam uma espécie de confiança, de fidelidade do povo ao seu governante. Posteriormente, outros imperadores, Constantino, Constante, Constâncio II, Juliano, Joviano, Valentiniano I, cunharam moedas com a mesma legenda ou derivadas, como VOT XXX MVLTIS XXXX ou VOT XX SIC XXX.

O que realmente Diocleciano queria era reconstruir, a qualquer preço, a grandeza romana, em vias de extinção. Mesmo que para isto provocasse a ruína da maioria dos cidadãos. Empenhando-se ao máximo para restaurar os sacrifícios aos deuses, impondo o culto a divindade do Imperador aos seus súditos. Segundo Funari^{xi}, a flexibilidade religiosa dos romanos, o respeito a outras religiões e a facilidade de incorpora-las foi um fator importante em sua capacidade de dominar povos tão variados e uma área geográfica tão grande.

Descrição das Moedas^{xii}

1 - Denominação: Dupôndio



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, Museu Histórico Nacional / Rio de Janeiro

Ano / Local: cunhada entre os anos de 304-305, em Alexandria.

Anverso: IMP C DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: IOVICO – N S CAES / ALE

Descrição:

Anverso: busto só, ou nu, de Diocleciano, diademado à direita, com barba, mal recortado no 1º e 4º quadrante; na legenda o nome e título imperial (IMP AVG). No reverso a divindade, Júpiter, em pé, nu, lábaro à esquerda, com o globo, símbolo do poder e da perfeição, na mão direita. Sobre o globo uma *vitória*, com uma coroa de louros, prestes a coroar a divindade. Durante boa parte do período da Tetrarquia, Diocleciano foi assemelhado a um *iuno*, filho de Júpiter. Enquanto seu amigo e colega, Maximiano, era um *hercúleo*, filho de Hércules. Como se as divindades protetoras do panteon romano protegesse e legitimasse o novo governo. Identificamos ainda a letra S, comum nas cunhagens da Tetrarquia, e o exergo referente a cidade de Alexandria (ALE). Na imagem da divindade existe uma camada de azinhavre, por causa da corrosão.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2,76 mm; peso de 9,56 g; alto reverso ou eixo 12 horas.

Existem 3 variantes desta peça na coleção, cunhadas em casas monetárias diferentes.

2 – Denominação: Follis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 303 – 305, em Trèves.

Anverso: IMP DIOCLETIANVS AVG

Reverso: GENIO POPVLI ROMANI S F / PTR

Descrição

No anverso, busto diademado, encouraçado, à direita do Imperador. Retratado com barba, alterações na legenda. Reverso notamos a presença do *genius*, divindade tutelar romana, tendo o *modius* na cabeça, uma *pátira* nas mãos, juntamente com a cornucópia, símbolo da abundância. Ao lado da divindade, as letras S F, ajudam a identificar tanto Diocleciano, quanto a casa responsável pela cunhagem. Exergo PTR, referente a Trèves. O *genius* é uma divindade geradora, que preside o nascimento de alguém (ou de uma nova ordem). Também pode ser associado à tutela de uma pessoa, lugar, coisa, a glória, a beleza; ao mérito ou valor de um autor.

Observações:

Peça de bronze, estado de conservação Muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2,02 mm; peso de 9,78 g; alto reverso ou eixo 6 horas.

3 - Denominação: Aes^{xiii}



Foto: **Cláudio Umpierre Carlan, Museu Histórico Nacional / Rio de Janeiro**

Ano / Local: cunhada entre os anos de 297 – 298, na cidade de Alexandria

Anverso: IMP C C VAL DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: CONCORDIA MILITVM A / ALE

Descrição

Busto à direita, com uma coroa radiada, encouraçado. Nessa variante aparecem as iniciais do nome completo de Diocleciano. No reverso, Imperador de pé, voltado para direita, com uniforme militar, tendo na mão esquerda um *paragonium*, recebendo um globo, encimado pela *vitória*, das mãos de Júpiter nu. À esquerda da divindade um cetro. Entre Diocleciano e Júpiter a letra A. Exergo de Alexandria.

A *concordia*, era uma divindade feminina, protetora da vida social e moral em Roma.

Observações

Peça de bronze, estado de conservação Muito Bem Conservado (MBC), diâmetro de 1,98 mm; peso de 9,80 g; alto reverso ou eixo 10 horas.

Conclusão

Qualquer sistema de símbolos é uma invenção do homem. Os sistemas simbólicos que chamamos de linguagens são invenções ou refinamentos do que foram, em outros tempos, percepções do objeto dentro de uma mentalidade despojada de imagens, tornando a linguagem visual universal. Dondis ainda acrescenta que o meio de comunicação visual vem impregnado de informação de significado universal, o símbolo não existe apenas na linguagem. Seu uso é muito mais abrangente. O símbolo deve ser simples e referir-se a um grupo, idéia, atividade comercial, instituição ou partido político.^{xiv}

Essa simbologia encontrada na numismática era uma exposição de idéias, uma composição de emblemas, como o barrete frígio que tem o significado de liberdade, a cornucópia que remete à abundância, e a concórdia representa a união dos esforços. Em alguns casos também são representadas por mãos estreitadas. Outras coberturas, como

o véu, que pode indicar modéstia ou viuvez, barretes e elmos, indicando campanhas militares, a ornamentação com a coroa de louros (laureadas), que tendem a assimilar aqueles que as levam à divindade, também são comuns nas representações monetárias.

A impressão iconográfica das moedas, deixando-se de lado as inscrições, revela figuras diversas: animais, vegetais, brasões, objetos, edifícios e emblemas mais ou menos estilizados. Geralmente, estas figuras referem-se ao local de cunhagem e à respectiva autoridade, designada de um modo claro para os seus contemporâneos por uma figura, uma atitude, ou atributos cujos significados hoje muitas vezes nos escapam.

Agradecimentos

Agradecemos ao conselho editorial da Revista Antiguidade Clássica, em particular aos colegas Katia Teonia e Leandro Hecko, a oportunidade de trocarmos idéias, e a Pedro Paulo Abreu Funari, Ciro Flamarion Santana Cardoso, Maria Beatriz Borba Florenzano, Vera Lúcia Tosttes, Rejane Maria Vieira, Eliane Rose Nery. Mencionamos, ainda, o apoio institucional da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) e o Grupo de Pesquisa *Península Ibérica: da Antiguidade Tardia a Reconquista*, da mesma instituição.

A responsabilidade pelas idéias restringe-se ao autor.

ⁱ. Doutor em História Antiga pela Unicamp; Professor Adjunto de História Antiga da Universidade Federal de Alfenas; pesquisador associado ao Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp; ao Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade da UFF e ao Núcleo de Estudos da Antiguidade da UERJ.

ⁱⁱ. As moedas aqui citadas fazem parte da coleção numismática do Museu Histórico Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro, Praça XV, maior acervo monetário da América Latina.

ⁱⁱⁱ. Todas as datas aqui citadas correspondem ao período depois de Cristo (d.C.)

^{iv}. CARLAN, Cláudio Umpierre. *Las monedas de Constancio II em el acervo Del Museo Histórico Nacional de Río de Janeiro: características*. In: ALFARO, Carmen. MARCOS, Carmen. PALOMA, Otero. *Actas Del XIII Congreso Internacional de Numismática*. Madrid: Ministério de Cultura, 2005.

^v. FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. *A Vida Quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2003, p. 101.

- ^{vi} CORVISIER, Jean Nicolas. *Sources et Méthodes en Histoire Ancienne*, pr. editons. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, p. 154.
- ^{vii} A porf.dra Maria Beatriz B. Florenzano durante o “Seminário Internacional: O Outro Lado da Moeda”, defendeu esta idéia. Qual o objetivo de um soberano em cunhar moedas com menos de 2 mm de diâmetro (menor que as nossas de 1 centavo) com uma riqueza simbólica e iconográfica de grande expressão como nos *follis* e *dupondius* dos tetrarcas ? Evidências disponíveis sugerem não ser provável a realização de todo este trabalho de precisão visando apenas uma simples troca econômica consumidor/ produtor.
- ^{viii} JUNGE, Ewald. *The Seaby Coin Encyclopaedia*. Second Impression with revisions. London: British Library, 1994, p. 107.
- ^{ix} DEPEYROT, G. *Economie et Numismatique (284-491)*. Paris: Errance, 1987, p. 84.
- ^x RÉMONDON, Roger. *La Crisis del Imperio Romano*. De Marco Aurelio a Anastasio. Segunda Edición. Barcelona: Editorial Labor, 1973, p. 110.
- ^{xi} FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. *Grécia e Roma*. Vida pública e vida privada. Cultura, pensamento e mitologia. Amor e sexualidade. São Paulo: Contexto, 2002, p. 114.
- ^{xii} Utilizamos para a datação das moedas o catálogo THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VI, VII, VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.
- ^{xiii} O *aes*, bronze, teria sido a primeira forma de moeda em Roma para servir às trocas, compras ou vendas (*aes grave* ou bronze a peso). Utilizada principalmente para o pagamento das tropas.
- ^{xiv} DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 115.

Fontes Numismáticas

Moedas de Bronze dos seguintes Augustos e Césares:

Diocleciano, Galério, Maximiano, Constâncio Cloro, Constantino I, o grande, Crispus, Constantino II, Constâncio II; pertencentes ao acervo do Museu Histórico Nacional/Rio de Janeiro:

Medalheiro de Número 3; Lotes Números: 11 ao 22, dando um total de 622 peças.

Impressas

AMIANO MARCELINO. *Historia (Rerum Gestarum Libri)*. Edición de Maria Luisa Harto Trujillo. Madrid: Akal, 2002.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Relatórios anuais de 1934, 1960, 1966 e 1967. texto datilografado.

Dicionários / Enciclopedias / Catálogos / Anais

ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. VOLUMES 1 / 27. Rio de Janeiro, 1940 / 1995.

CATÁLOGO LOS AVREOS ROMANOS 196 A.C – 335 D.C. Por Xavier Calico, miembro de La Internacional Asociación of Professional Numismatics. Barcelona, 2002.

GREIMAS, Algirdas J. e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu D. Lima, Diana L. P. de Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignacio A. Silva, Maria José C. Sembra, Tiekko Y. Miyazaki. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

JUNGE, Ewald. *The Seaby Coin Encyclopaedia*. Second impression with revisions. London: British Library, 1994.

MUSEU NACIONAL D'ARTE DE CATALUNYA. Guia del Gabinet Numismàtic de Catalunya. Dirigida por Marta Campo. Barcelona: MNAC, 2007.

THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VI, VII, VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, Pascal. *Le Commentaire de Documents en Histoire Ancienne*. Paris: Belin Sup, S/D.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. e PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *Os Métodos da História*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

CARLAN, Cláudio Umpierre. *Poder, Imagem e Arqueologia: a iconografia monetária e o exército romano*. In: Revista História da Arte e Arqueologia, n. 6. UNICAMP, Campinas, agosto / 2007, p.p 7 – 14.

CASSIRE, E. *Antropologia Filosófica*. Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CHARTIE, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 190.

ECO, Umberto. *Tratado Geral de Semiótica*. Tradução Antônio de Pádua Danesi e Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1980.

FLOR, Fernando R. de La. *Emblemas Lectures de La Imagem Simbólica*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. *Numismática e História Antiga*. In: Anais do 1º Simpósio Nacional de História Antiga. João Pessoa: 1984.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *A Vida Cotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. CARLAN, Cláudio Umpierre. *Arqueologia Clássica e Numismática*. Textos didáticos n. 62. Campinas: UNICAMP / IFCH, 2007.

GREENWELL, Willian. *The Electrum Coinage of Cyzicus*. London: Rollin and Feuardent, 1887.

LASSWELL, Harold D. et alii (org.). *Language of Politics. Studies in quantitative semantics*. Cambridge (Mass): Massachusetts Institute of Technology Press, 1965.

PASTOUREAU, Michel. *Coleurs, images, symboles*. Études d'Histoire et d'Anthropologie. Paris: Léopard d'Or, 1988.

VIEIRA, Rejane Maria Lobo. *Uma grande coleção de moedas no Museu Histórico Nacional ?* In: Anais do Museu Histórico Nacional, volume 27, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1995.